

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALLAN DWAN
21 e 25 de janeiro de 2022

SUEZ / 1938 (*Suez*)

um filme de Allan Dwan

Realização: Allan Dwan / **Argumento:** Philip Dunne e Julien Josephson, baseado numa novela de Sam Duncan / **Fotografia:** J. Peverell Merley / **Direcção Artística:** Bernard Herzbrun e Rudolf Sternad / **Décors:** Thomas Little / **Guarda-Roupa:** Royer / **Efeitos Especiais:** Fred Sersen / **Música:** Louis Silvers / **Montagem:** Barbara MacLean / **Interpretação:** Tyrone Power (Ferdinand de Lesseps), Loretta Young (Eugenia de Montijo), Annabella (Toni Pellérin), Joseph Schildkrant (Visconde René De Latour), Henry Stephenson (Conde Matthieu de Lesseps), J. Edward Bramberg (Príncipe Saïd), Sidney Blackmer (Marquês De Brey), Maurice Moscovitch (Mohammed Ali), Nigel Bruce (Sir Malcom Cameron), Sig Rumann (Sargento Pellérin, o avó de Toni), Miles Mander (Disraeli), Leon Ames (Napoleão III), George Zucco (o Primeiro Ministro Inglês), Victor Varconi (Victor Hugo), etc.

Produção: Darryl F. Zanuck para a 20th Century Fox / **Distribuição:** 20th Century Fox / **Cópia** 16mm, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 104 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 28 de Outubro de 1938 / **Estreio em Portugal** a 27 de Fevereiro de 1939, no Cinema Tivoli.

O texto da "folha" em distribuição foi escrito em 1988, por altura da primeira passagem do filme na Cinemateca, no contexto do ciclo "Grandes Filmes de Aventuras".

Com **Suez**, entra neste aventuroso Ciclo, Tyrone Power, esse a quem em Portugal, nos anos da sua máxima fama, chamavam Tiróne Povér. E melhor do que o Tiróne Povér, melhor que o Roberto Tailór, só mesmo o Rapaz do Trapézio Voador, luso herói de canções dos fins dos anos 30, princípios dos anos 40.

Tyrone Power vai visitar este Ciclo mais algumas vezes, até ao fim dele. **The Mask of Zorro** (Mamoulian, 40), **The Black Swan** (Henry King, 42). E fomos extremamente selectivos. Os amadores do género – e do actor – podem, com toda a razão, insurgir-se contra a omissão de **The Rains Come** (Clarence Brown, 39), **Blood and Sand** (Mamoulian, 41) **Son of Fury** (John Cromwell, 42), **Captain from Castille** (Henry King, 47), **Prince of Foxes** (Henry King, 49), **The Black Rose** (Henry Hathaway, 50), **King of the Khyber Rifles** (Henry King, 53), para me ficar pelos cumes aventurosos de um dos heróis mais românticos que Hollywood já conheceu. Nessa grande época das grandes aventuras, espadachins e piratas tiveram personificação emblemática em dois corpos astrais: Errol Flynn e Tyrone Power.

Se Flynn foi o arquétipo da insolência (pirata ou cavaleiro, e basta apenas lembrar o que dele vimos neste Ciclo – “such a conspicuous gallantry”), Tyrone foi o arquétipo do romantismo. Flynn podia ter (raras vezes, é certo) amores infelizes (**The Charge of the Light Brigade** é um exemplo). Sublimava-os em feitos tão heroicos, como o da famosa brigada. Tyrone podia perder no mesmo filme duas mulheres (como verão o que sucede em **Suez**) e só multiplicava

aquelas que a desejavam substituir. Um grande plano como o do final deste filme – em que Tyrone celebra a sua pública vitória e as suas íntimas derrotas – era impensável para Flynn. Neste, a dor fazia-o cerrar os dentes. Em Tyrone, parecia perfazer a sua aura eternamente melancólica. Ficava-lhe bem a mágoa, ficava-lhe bem o luto.

Ambos se foram desta vida relativamente novos: Tyrone, com 45 anos; Flynn com 49. Flynn emergiu mais cedo (em 1935, como **Captain Blood**); Tyrone precisamente neste ano de 1938, o ano de tão fabulosos sucessos (e tão fabulosos filmes) como **In Old Chicago** (Henry King), **Alexander's Ragtime Band** (Henry King), **Marie Antoinette** (W.S. Van Dyke) ou **Suez** em que hoje o veremos. O último filme de Tyrone é de 58 (**Witness for Prosecution** de Billy Wilder, que este ano revimos na Cinemateca); o último filme de Flynn é de 59 (**Cuban Rebel Girls** de Barry Mahon, em que – pasme-se – ajudava Fidel a vencer Batista). Ambos duraram cerca de vinte anos, com os dez primeiros no "top". Ambos foram "ídolos do público" e sarcasmo da "crítica séria". Hoje, descobrimos que o público teve bastante mais razão do que a crítica e que não foram tão monolíticos quanto os acharam. Por mim, concordo facilmente com Fred Lawrence Guiles (autor de Tyrone Power - The Last Idol) quando este comparando-o a predecessores, afirma que Tyrone foi muito mais romântico do que Fairbanks, muito melhor actor do que Valentino, muito menos vulgar do que William Haines. E tinha a voz: "the finest romantic voice of this century".

Se comecei por dar a Tyrone Power o primeiro grande plano (como Dwan lhe dá o último) **Suez** não se limita a Tyrone, julgo que mais de 50% da assistência a esta sessão não veio por ele (razoavelmente esquecido) mas por Allan Dwan, "the last of the pioneers", cuja personalidade e obra relevam mais para nós da lenda do que dos filmes, tão ocasionalmente vistos e em ínfima proporção face à imensidade da obra (Dwan dizia ter feito mais de mil, entre 1911 e 1959).

A grande época de Dwan (pelo menos em termos de "box office") foram os "twenties", com filmes tão lendários como **Robin Hood** (22, com Douglas Fairbanks), **Manhandled** (24, com Gloria Swanson), **Stage Struck** (25, com Gloria Swanson, primeira obra em que o technicolor apareceu), **East Side West Side** (27, com George O'Brien), **The Iron Mask** (29, com Douglas Fairbanks), entre dezenas ou centenas. Hollywood deixou-o cair muito nos primeiros anos do sonoro, achando-o já (Dwan tinha em 1935, 50 anos) velharia de antanho. Mas o cineasta recuperou o prestígio, quando dirigiu, para a Fox, dois dos mais aclamados filmes de Shirley: **Heidi** (1937) e **Rebecca of Sunnybrook Farm** (1938). Tais êxitos – e a fama remota de ter dirigido alguns dos melhores filmes de aventuras do mudo – levaram Zanuck, quando o género se revelou novamente "galinha de ovos de ouro" (e sobre isso tanto se tem falado nestas "folhas") a confiar-lhe **Suez**, a primeira (e a única) super-produção que dirigiu nos anos sonoros. Em 1938, Dwan, voltava a ter, como dez anos antes tivera, milhões para gastar e "cast" de luxo. Zanuck queria a grande saga à glória do Canal e queria um Ferdinand de Lesseps (donde a escolha de Tyrone Power) que tivesse muito mais que ver com o mito (com a aventura) do que com qualquer eventual realidade histórica. "Um grande herói, em grande fundo" foi o que Zanuck pediu a Dwan, esperando sobretudo dele que fizesse de Tyrone o émulo de Fairbanks e da construção do Canal uma epopeia de feitos visuais nunca antes vistos.

Interrogado por Bogdanovich muitos anos depois (leiam Allan Dwan: The Last Pioneer), o realizador mastiga um bocado a resposta à pergunta sobre se este era um dos seus filmes favoritos. "Bom, como exemplo do que se pode fazer para recriar a história na tela, sim. Acho que era mesmo grande ("I thought it was great"). Mas um pequeno filme como **Big Brother** (1923) interessava-me muito mais do que uma história deste género. Ou **Manhandled** (24). São filmes simples, histórias sérias sobre o que acontece a pessoas vulgares".

Tudo o que eu pudesse dizer contrário a **Suez** está exactamente condensado nestas poucas linhas. Apesar da inverosimilhança da história e das inúmeras liberdades do argumento (que inventa, por exemplo, inexistentes "affairs" entre Lesseps e a Imperatriz Eugénia) tudo o que se refere a tal "back-ground" ou é apenas escoreito, ou, às vezes, é meramente belo (por exemplo, o início do filme, resolvido com mão de mestre). Onde Dwan ultrapassa essa competente mediania é nas grandes sequências espectaculares, quer quando anima gravuras da época sobre a construção do Canal, quer sobretudo na prodigiosa sequência do ciclone, em que durante dez minutos, sentimos recuperado o estupendo fôlego dos grandes primitivos. Griffith, De Mille, são nomes que inevitavelmente vêm à pena, desde que Annabella estranha a invasão de pássaros até ao enterro desta em momentos que, por si só, jamais farão alguém, com olhos para ver, sair deste filme arrependido.

E não me refiro apenas à espectacularidade dos efeitos especiais (a carga do grande Fred Sersen, o homem de **In Old Chicago, The Rains Came, Lave Her to Heaven** ou **The Ghost and Mrs. Muir**) mas é a espantosa conjugação com eles desses grupos humanos em fuga, em que o mais pequeno apontamento nos dá um corpo e um drama e não uma figuração. Que se fique, apenas, com a salvação de Tyrone Power por Annabella. Subitamente, e por milagre de uma prodigiosa "mise-en-scène" aquela francesinha irritante (depois, mulher de Tyrone Power) adquire a majestade das grandes "stars" do mudo, ao amarrar Tyrone contra o poste, ou ao cobri-lo com o corpo. E é sublime o plano em que a vemos morta, como o é o do seu enterro, fabulosamente iluminado. Nesse instante, a actriz redime-se de quase 90 minutos de "clichés" (exceptue-se a sua esplêndida entrada no filme nua no banho), para ganhar uma dimensão telúrica inesquecível e que bem justifica o "requiem" póstumo de Tyrone, no belíssimo grande plano final.

Camo se sabe, a "Aida" foi encomendada a Verdi para a inauguração do Canal do Suez. Se Zanuck gastou tanto dinheiro no "Simoun" que não lhe chegou para a ópera (prevista, inicialmente) ficou dela esse soterramento não menos magnífico. E ficou a pasmosa sequência em que Tyrone Power aos pés da Imperatriz Eugénia (uma Loretta Young apenas decorativa) recebe a recompensa do seu "ditch". Afinal, era o homem dele, como Eugénia era a mulher para uma coroa. Podem passar pelas brasas entre a sequência em que esse futuro é marcado (o bruxo no baile), e da edificação do Canal. Mas fiquem bem acordados para os vinte minutos finais, em que Allan Dwan nos dá uma daquelas lições de cinema que hoje ninguém mais nos é capaz de dar.

Saudosismo? Sinceramente, julgo que não. Chamem-me o que quiserem, que a isto chamo eu lucidez.

JOÃO BÉNARD DA COSTA